

## CARTA AO DIRECTOR

Li com atenção a coluna «Ponto de Vista» do Professor João Gomes Pedro intitulada «Os primórdios da Sexualidade» (Acta Pediatr Port, 1999, 1(30):sn). Trata-se, sem dúvida, de uma prosa bela e sentida, embora bastante barroca, como, de resto, é hábito. No entanto, não só não consegui compreender o propósito final do conjunto do texto (se o há), como não posso deixar de discordar de alguns pontos, como é natural, face a uma coluna desta natureza.

Não me parece que «Reflectir nos primórdios da vida significa reflectir em afectos e essa é a vocação do pediatra (...)». Todos nós, pediatras, desejamos a felicidade e bem-estar das crianças e adolescentes, com os quais temos especial empatia. Isso não quer de todo dizer que a «vocação do pediatra» deva ser «Reflectir em afectos», pelo menos não é essa a minha vocação profissional. Mal seria das crianças saudáveis sob a nossa orientação ou das crianças doentes que necessitam da nossa ajuda se a nossa prioridade profissional fosse o aconselhamento sentimental da família! Principalmente quando se entende a «gênese dos afectos» na infância como o «sentido do sexo ao

longo (...) da vida». Confesso que o sentido futuro do sexo das crianças que atendo não me preocupa na medida que não preocupe ao próprio «ao longo do ciclo da vida», pois é algo de pessoal, no qual apenas devo intervir se solicitado.

Afirmar que «Do embrião ao adolescente constroem-se os primórdios da gênese dos afectos o que é dizer o sentido do sexo ao longo do ciclo da vida» parece-me abusivo, tal como seria afirmar que todo afecto é sexual ou que o sexo pressupõe necessariamente afecto (antes fosse...). Quase todos nós desenvolvemos ao longo da infância elos de afecto com os nossos pais, irmãos, eventualmente até por animais ou brinquedos de estimação; não creio que isso determine o «sentido do sexo». Se crescemos a gostar das pessoas e a sentir que as pessoas gostam de nós, poderemos ser mais adequadamente afectuosos do que aqueles que cresceram privados dessa experiência; no entanto, será que isso determina o «sentido do sexo» do adolescente ou adulto?

Daniel Virella

## EM RESPOSTA

Como director, fico grato ao Dr. Daniel Virella por ter reagido à minha prosa «Os primórdios da sexualidade» apresentada como «Ponto de Vista» no N.º 1, 1999, da Acta Pediátrica Portuguesa.

O propósito desta coluna criada foi, essencialmente, o de proporcionar mais oportunidade de diálogo entre os leitores, desejadamente polémica em função dos «pontos de vista» de cada autor.

Será, também, assim, que os pediatras poderão culturalmente «crescer», desafio que creio essencial ao seu mister.

O Dr. Daniel Virella, simpaticamente, designa a minha prosa como «bela e sentida, embora bastante barroca».

Será, de facto, esse o meu estilo e será, precisamente, nesse barroco que se deverá encontrar o entendimento do subjacente na escrita de um texto que se limita a uma página.

Não pensará o Dr. Daniel Virella que os trinta e cinco anos da minha vida clínica, docente e investigacional, tenham sido, tão só, um «reflectir em afectos». Porém, reconheço e reafirmo que, cada vez mais, será «vocação do pediatra» reflectir, a cada passo, no desenvolvimento emocional, no desenvolvimento moral, enfim, no desenvolvimento da afectividade.

Obviamente que estou a pressupor o pediatra que intervém numa consulta pré-natal, que intervém na promoção da relação quando da primeira consulta pós-natal, que está preocupado com o desenvolvimento dos vínculos, que dá prioridade aos múltiplos parâmetros da Edu-

cação conjuntamente com os da Saúde, que está atento a uma semiologia da relação, que está alerta aos vários estádios emocionais que inspiram o comportamento e que motivam a maturação de cada sexualidade.

É que, Dr. Daniel Virella, não tem nada a ver com uma prioridade profissional entendida como «aconselhamento sentimental da família»!

Estamos, decerto, em desacordo, sobre o que é «o sentido do sexo» «ao longo do ciclo de vida».

Cada um saberá o que é, para si e por si, «o sentido do sexo».

Parece abusivo ao Dr. Daniel Virella afirmar que «todo o afecto é sexual ou que o sexo pressupõe necessariamente afecto».

Completa o Dr. Daniel Virella este seu pensamento com um «Antes fosse...».

Sabe Dr. Virella, é que este «antes fosse...» depende, também, da sua intervenção como pediatra.

E, por tudo isto, reescrevo que «do embrião ao adolescente constroem-se os primórdios da gênese dos afectos o que é dizer o sentido do sexo ao longo do ciclo de vida».

É este um «Ponto de Vista» do seu colega que, como pediatra e director, lhe fica tão grato pela oportuna reacção a uma reflexão publicada na nossa Revista na coluna expressamente dedicada a uma bem desejada e saudável polémica intelectual.

João Gomes-Pedro